

Editorial

Saúde Global e Diplomacia da Saúde: um início de diálogo entre saúde e relações internacionais

DOI: 10.3395/reciis.v4i1.361pt

Este número temático da RECIIS foi elaborado na perspectiva de colocar em debate algumas reflexões que sinalizam um início de diálogo entre as áreas de saúde e relações internacionais, avançando nas discussões contemporâneas sobre a saúde global e a diplomacia da saúde, num momento em que esses temas adquirem caráter de prioridade nacional e projeção em escala global.

A intenção é expor contribuições de pesquisadores e profissionais nacionais e estrangeiros que permitam refletir sobre os conceitos, visões, práticas e análises críticas referidas a esse debate, a partir de distintas abordagens analíticas.

A preocupação da Fiocruz com essa articulação não é nova, mas adquiriu especial importância na última década, quando mudanças na política externa brasileira convocaram a instituição para desempenhar importante protagonismo na cooperação internacional em saúde, evidenciando, de forma mais clara, a sua histórica vocação internacional.

Desde a década de 1980 a Fiocruz tem estado presente no debate sobre a “saúde internacional”, participando de experiências capitaneadas pela OPAS/OMS de formação de “líderes” em nível regional para levar adiante as atividades que possibilitassem o alcance da meta de “Saúde para Todos no Ano 2000” com a estratégia da Atenção Primária. E, nos anos de 1990, integrou as discussões sobre a revisão do termo – saúde internacional – e das atividades de formação de recursos humanos com essa finalidade, levadas a cabo no Seminário sobre “Saúde Internacional: um campo de estudo e de prática profissional”, realizado em Quebec, Canadá, entre 18 e 20 de março de 1991, que foi um marco nesse debate.

Nessa época, já se constatava que a atuação em saúde em nível internacional não podia prescindir de formação também na área da diplomacia e das relações internacionais, além da clássica formação técnica e gerencial, conforme explicitado por Mirta Roses, então Representante da OPS na Bolívia, num Seminário em Sucre, em 1993. Mirta alertava que era necessário iniciar um debate e formalizar um

campo de estudo que aproximasse essas duas áreas. E, da mesma forma, Ulysses Panisset e Mário Rovere em 1991, diferenciavam, respectivamente “a saúde como assunto internacional” das “dimensões internacionais da saúde”, remetendo a questões que somente poderiam ser resolvidas no âmbito internacional e a partir de negociações tipicamente diplomáticas.

Ao final da primeira década do século XXI o diálogo entre saúde e relações internacionais ganhou novo impulso e adquiriu novos contornos, englobando novos temas e demandando, mais do que nunca, novas abordagens para a apreensão dessa nova realidade. A saúde global, a governança global em saúde, a diplomacia da saúde, a saúde na política externa nacional, a saúde e a segurança nacional e internacional são exemplos de temas que passaram a ocupar o centro das atenções dos governos, da academia e de inúmeros outros atores – locais, regionais, internacionais e globais. Não por acaso, a necessária interrelação dessas duas áreas é claramente recomendada na Declaração Ministerial de Oslo – “*Global Health: a pressing foreign policy issue of hour time*” – de 2007. E aparece o termo Diplomacia da Saúde.

A reflexão lançada neste número especial remete a um debate que abarca desde as relações entre globalização e saúde (pobreza, exclusão, riscos, direitos, migrações, comércio) até a dinâmica que envolve atores internacionais (diplomacia, cooperação, ajudas externas, doações, acordos, convenções), entre outras questões. E tem como pano de fundo as assimetrias de poder num mundo globalizado e a disputa inerente entre Estados nacionais.

Parte-se da premissa que ambas temáticas – saúde global e diplomacia da saúde – são multidimensionais e exigem instrumental teórico e metodológico transdisciplinar para a sua compreensão. Ambos os termos emergem nas últimas décadas, mas seus significados e respectivos arcações conceituais ainda são pouco elaborados e esse instrumental

analítico vem sendo paulatinamente construído.

Os textos aqui publicados são bastante diversificados: abrangem a análise do sistema mundial e a dinâmica de poder entre os Estados nacionais (Fiori; Nosaki); discutem a atual política externa brasileira (Vidigal) e a cooperação internacional, vista segundo diferentes perspectivas, distintas dimensões e temáticas específicas (Sato; Torrontegui; Pires et al.; Fronteira & Dussault; Pires de Campos et al.; Lima & Pires de Campos); debatem definições e conceitos (Kickbusch; Buss & Ferreira; Almeida); analisa as políticas nacionais e os programas internacionais em perspectiva histórica e comparada (Hochman); e enfocam temas específicos, mais ou menos explorados, tais como a violência no trabalho em saúde (Campos & Pierantoni) e a propriedade intelectual (Chamas). Apresentam-se na forma de artigos originais, avanços tecnológicos, pesquisas em andamento e resenhas de livros. E têm em comum, nos seus diferentes conteúdos, o esforço de refletir sobre uma realidade complexa que impacta substancialmente, e de forma diferenciada, as condições de vida e saúde das populações mundiais, assim como desafia o trabalho de cooperação supostamente voltado para a superação dessa realidade.

Agradecemos à RECIIS e ao Instituto de Comunicação e Informação Tecnológica em Saúde (ICT), da Fiocruz, pelo convite para organizar este número temático, assim como a dedicação e entusiasmo da equipe editorial da revista na sua elaboração. Somos gratos ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e à Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio de Janeiro (Faperj), cuja bolsa de produtividade em pesquisa e o *grant* de apoio, respectivamente, propiciaram as condições de trabalho e facilitaram a elaboração desta publicação; e dizemos obrigada também ao Centro de Relações Internacionais da Fiocruz (CRIS), pelo apoio financeiro para a finalização da Revista.

Por fim, este resultado positivo deve muito também a Rodrigo Pires de Campos, bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do DF (FAP-DF), da Direção Regional da Fiocruz em Brasília (Direb/Fiocruz Brasília) e membro do nosso Grupo de Pesquisa, cujo apoio incondicional foi fundamental em várias etapas da elaboração da Revista.

Sabemos que essa produção está longe de cobrir todos os aspectos e meandros desse diálogo, mas, sem dúvida, configura um bom começo, cumprindo com o seu principal objetivo: estimular o debate e a reflexão.

Boa leitura,
Célia Almeida
Editor convidado